

"FRATELLI ITALIANI UNITI"

Renata Maria Moschen e
Tércio P. Di Gianni *

O presente trabalho objetiva a análise das fontes para o estudo da "Società Italiana de Mutuo Socorso Fratelli Italiani Uniti" de Franca. A documentação utilizada foi a seguinte: atas do Conselho Diretor; atas da Assembléia; Estatutos Sociais; Regulamento Geral e Balancetes¹.

O período trabalhado abrange da fundação em 1892 até 1921; justifica-se esse corte pelo fato de que da fundação em 1892 até 1902, houve um período de consolidação dos Estatutos e desta data até 1921 pudemos sentir o processo de atuação da "FIU" como instituição.

A problemática levantada seria o confronto entre os objetivos explícitos e implícitos da mesma. Só através deste nível de problematização ou mesmo de confronto, poderemos compreender a atuação e a importância da "FIU" para a colônia italiana e para a sociedade francana de uma maneira geral.

A documentação analisada não dá margem para determinadas abstrações que poderiam ser chamadas de ousadas no que se refere ao plano de influências da "FIU". Porém, nosso objetivo maior consiste em caminhar rumo a um melhor entendimento da mesma.

Essa análise insere-se no contexto político, social e econômico da época. Politicamente vivia-se o domínio do coronelismo, das oligarquias cafejeiras que constituíram uma fração da classe dominante no país. Ora, São Paulo era o Estado onde o café tinha encontrado toda sua tônica e, situada no nordeste paulista, Franca não poderia deixar de estar incluída neste contexto.

Conhecemos ainda, que o café necessitava de braços, braços que a extinção do tráfico e a abolição tinham feito escassear. No Brasil não havia disponibilidade de mão-de-obra suficiente para montar uma estrutura agrícola-comercial tão ampla quanto a do café, portanto, só a imigração poderia resolver esse problema. Assim, às custas do governo estadual e federal, promoveram-se programas de emigração na Europa

(*) Alunos do curso de pós-graduação em História, da Unesp, Franca, orientados da Profa. Thereza M. Malatian.

(1) Esse tipo de documento só aparece até 1901. Daí em diante não há notícia dos mesmos, sendo os existentes bastante confusos.

(principalmente na Itália), incentivando a vinda de colonos para o Brasil e, preponderantemente, para o Estado de São Paulo.

Os italianos, aqui chegando e, encontrando diante de si uma realidade nova, bastante hostil, de um país estrangeiro, sentiram a necessidade de se agrupar em sociedades que defendessem seus interesses e que se espalharam por todo o Estado².

Franca, por sua vez, organizou a sua sociedade italiana — pois também constituiu importante núcleo de imigrantes italianos — surgindo a “Società Italiana de Mutuo Socorso Fratelli Italiani Uniti”.

Na própria FIU encontraram-se várias informações sobre outras sociedades do mesmo tipo, havendo inclusive, propostas de integração por vezes institucionalizada, entre as sociedades existentes. É preciso inserir ainda, as sociedades italianas de uma maneira geral e em especial a “FIU”, na realidade associacionista da época. Com a inexistência de leis trabalhistas eficientes em relação à previdência social, havia a necessidade da conglomeração de operários ou de outras classes trabalhadoras, no sentido de suprir esta falta.

Nos Estatutos da FIU, consta que ela teria como princípio fundamental, a manutenção do espírito de nacionalidade, ordem e economia e, ainda, o estímulo à proteção recíproca.

Em decorrência desse princípio fundamental, teriam por objetivo prático, o mútuo socorro material e moral, além da união da colônia para fazer valer seus direitos frente às autoridades italianas e brasileiras.

A recíproca proteção anunciada no Estatuto, seria observada somente em determinados momentos. Tudo nos leva a pensar que as funções da FIU, tinham antes de tudo, cunho mutualista, pois sua principal preocupação era a de oferecer algumas vantagens aos associados, que logicamente, queriam um retorno de seu investimento (2\$000 mensais).

É necessário que se faça uma ressalva, pois, em época de catástrofes naturais, de guerras (visto que a nação italiana estava saindo de seu processo de unificação política) envidavam-se esforços no sentido do envio de auxílios que eram oriundos das “sottoscrizioni” realizadas entre os membros da colônia local.

As garantias mutualistas (aviamento de receitas, consultas médicas, internações hospitalares) estavam explícitas no Estatuto, porém,

(2) Hutter, Lucy M., *Imigração Italiana em São Paulo*, p. 129. São Paulo, Instituto de Estudos Brasileiros (USP), 1972.

com maior atenção, por parte dos sócios, estava a comemoração da festa da "Brecha da Porta Pia"³.

Na leitura detida da documentação observa-se a disputa pelo poder entre os membros da sociedade. Isso em vários momentos levou a instabilidades no quadro social, como as demissões voluntárias em massa. Toda essa problemática é gerada, tudo nos leva a crer, pela situação financeira administrativa, pois existiam indubitavelmente, variações inexplicáveis da contabilidade, como já se disse (nota nº 2), inexplicáveis pela inexistência e confusão com que são apresentados os dados, na documentação estudada e existente.

O preconceito existente na sociedade francana, era explícito ao que nos parece, por dois fatos:

- nacionalismo emergente italiano; e
- rejeição inicial aos imigrantes, pela sociedade brasileira.

O nacionalismo teve influência tônica porque estava arraigado no seio da comunidade italiana, enquanto nação em processo de unificação; assim, esse seria um entrave para a penetração de brasileiros na colônia italiana, ou, mesmo, nos quadros da FIU que congregava uma minoria.

Por outro lado, era vigente a rejeição da sociedade francana em relação ao imigrante italiano. Essa rejeição provém, provavelmente do fato de que para a tradicional sociedade paulista, o colono italiano não passava de um mero substituto do escravo no trabalho agrícola; além do medo da competição, principalmente, a nível de emprego e comércio que ocorria com a vinda destes elementos para os centros urbanos. Exemplificando temos o caso do Sr. Álvaro Abranches⁴.

Apesar de todos esses pressupostos que nos levariam a pensar que haveria uma segregação da colônia e da FIU, dentro do contexto da sociedade francana, isso não ocorreu na realidade, pois a mútua aceitação e cooperação era considerada proveitosa ou mesmo, indispensável aos interesses de ambas as partes.

Para a administração municipal era vantajoso contar com um órgão que regularizasse⁵ a vida dos italianos na cidade, evitando conflitos que a administração local não tinha condições para resolver, além do que,

(3) Tomada de Roma pelos garibaldinos em 20 de setembro de 1870. Carone. E. — **A República Velha: instituições e classes sociais**, p. 214. São Paulo, Difel, 1972.

(4) Autor de artigos que "ofendiam" a colônia italiana (no jornal "O Francano"), chegou a agredir fisicamente um dos membros desta colônia, constituindo-se num dos raros casos em que a sociedade cumpre efetivamente seus objetivos explícitos de defesa.

(5) A FIU constantemente, em discursos, nas reuniões festivas principalmente, chamava os italianos a zelar pela imagem da colônia como um todo, evitando desordens, trabalhando com afinco, etc.

foi vantajoso financeiramente, para a FIU, a penetração de brasileiros nos seus quadros sociais, a partir de 1894⁶.

No sentido de atrair o maior número possível de associados, a FIU criou outros órgãos para o lazer, esporte e outros fins sociais, que viriam suprir falhas estatutárias, como a "Cassa di Socorso alle Famiglie dei Soci Defunti", com regulamento, taxas e administração financeira em separado da FIU, entretanto, sujeita à diretoria da mesma⁷.

Percebemos que a "Società Italiana di Mutuo Socorso Fratelli Italiani Uniti" foi um órgão catalizador no processo de adaptação do imigrante italiano na sociedade francana, pela atuação conciliadora entre os interesses de ambas partes. Cumpre suas proposições formais até o momento em que estas não comprometem suas relações com as autoridades municipais.

A análise documental nos levou à compreensão da ação da FIU como instituição, porém, faltou-nos elementos concretos, para medir maiores reflexos sociais.

(6) O primeiro brasileiro a penetrar nos quadros da FIU foi Francisco de Paula Guimarães, por meio de doação.

(7) Vemos, ainda, o caso do "Palestra Italia Football Club", a "Escola Social" (de pequena duração) e constantes tentativas de manutenção de uma banda musical.